

# Ecclesia



Abril de 1951

Ano 3.º

N.º 10



*P. António Pereira de Figueiredo*

O "FEBRÓNIO PORTUGUÊS"

(1725-1797)

Há duzentos anos, em 1751, publicou a sua primeira obra e há 170 completou a edição da Bíblia Sagrada (1778-1781), vertida da "Vulgata" por incumbência do 1.º Marquês de Pombal. Entre as muitas obras que escreveu figura, em 1766, a célebre "Tentativa Teológica", a "Demonstração Teológica" e a "Análise da Profissão de Fé de Pio IV", que tiveram várias versões nas línguas da Europa. Algumas das suas numerosas obras foram honradas com a condenação da Igreja Papal.

# Ecclesia

TRIMESTRÁRIO, ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA

Rua das Janelas Verdes, 32 - LISBOA - Telef. 64729

ADMINISTRADOR:

DANIEL DE PINA CABRAL

Avenida da República, 1118--VILA NOVA DE GAIA

## PANORAMA ESPIRITUAL

**E**STAMOS a meio do século vigésimo. Como se lhe virá a chamar? Ao oitavo antes de Cristo se chamou "século de Isaías"; vieram depois, com longos hiatos, os séculos de Péricles e de Augusto, e ultimamente o de Luiz XIV e o de Victor Hugo. Quantos séculos ficaram sem o selo dum génio humano a enchê-lo ou a simboliza-lo!

Também ao século passado se chamou "das luzes". Nesse pendor, o actual seria o "das vozes", em razão do telefone, da radiodifusão, do cinema falado e... da propaganda, que é em doze grande a substituição do raciocínio pelo som...

Alguém alvitra, a medo, que se lhe chame o "século da Criança". Mas, mais devagar, amigos; isso é **propaganda**. Nas guerras surdas que se preparam na sombra, nas guerras de nervos que estalam à luz do dia; nos corredores que se inventam e se

devastam; nos paralelos que se passam e repassam; nas conferências dos cinco, dos quatro ou dos três senhores; nos tubos de petróleo, nos panos de ferro e nas quintas colunas de substância indefinida, quem pensa nas crianças? Onde estão os pastores humildes que, avisados pelos anjos, possam de novo dizer: "Achamos o Menino"? Porque a Criança encontrada é sempre o sinal e

o penhor da renovação do espírito do Homem ante a promessa divina. O Menino de outrora, que foi o Mestre, o Único, diz-nos, apontando a criança: "Enquanto vos não fizerdes como um destes meninos, não haveis de entrar no Reino de Deus".

Crescemos, e — ai! — cresce em nós o ódio, que era só germen, a ambição que era só vida, a mentira que era só imaginação. Amontoam-se as suspeitas na intuição do mal, e os despeitos na experiência malsã. Tudo egoísmo! Não vedes aí

### SUMÁRIO DO N.º 10

Panorama Espiritual . . . . .	1
Reminiscências e Perspectivas . . . . .	3
A Conversão de Bergson . . . . .	6
No Atrio; na Nave . . . . .	8
Florilégio da Oração . . . . .	9
Galeria Histórica (Fernão de Oliveira) . . . . .	9
O Valor do uso na Educação Religiosa . . . . .	11
Gloria e Desgraça do Catolicismo Português . . . . .	13
Na Seara . . . . .	15
O Livro e os Livros . . . . .	16
Padre António Pereira de Figueiredo . . . . .	16

a origem de tudo isso que ao redor de nós surge e nos punge ?

Mas há muito de bom nos anseios secretos, nos esboços de vitória que vamos sonhando... Como a corrente quente que do golfo do México sai, espalhando-se nas águas frígidas do Atlântico do Norte, assim o bem se mescla e neutraliza o mal.

E assim meditando, aí tendes o quadro de cinquenta anos de vida do espírito. E tanto haveria para dizer !

Tomemos somente alguns pontos salientes da paisagem por demais grande para que a abarquemos.

Vejamos além o antiteísmo oficial dos russos procurando instalar-se triunfalmente na China, depois de o ter feito na Europa Oriental, e entretanto a Igreja persistir na fidelidade de muitos. Vejamos aquém o esforço de aproximação das igrejas fragmentadas, para uma melhor compreensão dos valores que cada grupo cultivava, sem que se confundam como antagonistas os perpétuos valores da Redenção e das Obras reveladoras da Fé; da Graça e da Justiça divinas; das Escrituras Sagradas e da Santa Igreja Una.

Vejamos agora, por toda a parte, as Sociedades Bíblicas formando bloco e já ultrapassando há muito as mil versões do todo ou de parte da Bíblia, mesmo descontando as curiosidades meramente filológicas. Vejamos também as Sociedades Missionárias lutando com as dificuldades de todo o género que a crise mundial lhes opõe, para não abandonar as igrejas indígenas que o seu esforço criou.

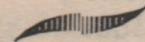
E quantos símbolos ! Uma princesa gentilíssima arrasta-se com dificuldade, devido ao peso desconforme das joias que adornam o seu vestido de noivado... Entretanto a "Virgem Peregrina" percorre sem esforço o mundo, e diante dela se prosternam multidões de vítimas do "analfabetismo espiritual", consequência fatal do abandono do Livro Divino.

Quando já o povo esquecia a alucinação de Bernardette, que ouviu na gruta de Lourdes aquela apresentação estranha: "Eu sou a Imaculada Conceição", Teresita Castillo ouviu, em Manila, estoutro anúncio: "Eu sou Maria, a mediadora de todas as graças". Contudo, Cristo é o "Imaculado" (Hebreus 7:26; I Pedro 1:19) e o Único Mediador (Gálatas 3:19; I Timóteo 2:5; Hebreus 8:6, 9:5 e 12:24). Não se nos fala de outro; e só a Igreja como Ele a quer e prepara,

a Esposa ideal, e a religião como Ele a ensina e incute, são chamadas "sem mácula" (Cântico dos Cant. 5:2 e Santiago 1:27).

Ao mesmo tempo que lança uma ponte de política aliciante, aceitando o baptismo dos "hereges" e permitindo os colóquios "dirigidos" com os ministros deles, Roma cava mais fundo o abismo da separação, afirmando a assunção corporal de Maria, o que implica a equiparação de lendas populares com a Palavra da Verdade, e dá triste evidência ao que escreveu Karl Adam em "A Essência do Catolicismo" sobre o poder de assimilação romana, que dentro de séculos terá incluído o extracto das religiões orientais... E enquanto muitos papas e popes do Oriente se congregam com os cristãos ocidentais, o bispo de Roma persiste no seu papado único, exclusivo e irreductível, anatematizando quem diga que "o pontífice romano pode e deve reconciliar-se e conformar-se com o progresso, com o liberalismo e com a moderna civilização" (Aloc. Jamdudum cernmus", de 18 de Março de 1861, reunido ao **Syllabus** de Pio IX).

Queríamos lançar os olhos para mais longe, tão extensa é a paisagem, mas é por hoje impossível fazê-lo. Ficam estes traços a dar-nos uma impressão fugidia mas veraz do mundo trágico em que vivemos.



*Todos temos algum dom ;  
todos temos pecha má.  
Lembremos só o que é bom  
ao falar de quem não está.*

*Quem quere o erro emendar  
do irmão, seja qual for,  
deve com ele falar  
com lealdade e amor.*

*Saber falar cara a cara,  
na verdade, é prenda rara !*

MUITO modestamente, com uma lição do sr. Prof. João Providência da Costa, na Faculdade de Letras de Coimbra, foi lembrado o excelso vulto de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, no centenário do seu nascimento, a 15 de Março último. Mas outras homenagens se preparam, úteis decerto à nova geração, que não conhece bem a Senhora alemã de nascimento que foi a maior Mulher portuguesa do seu tempo. Recordo-a com saudade e respeito, nas poucas vezes que me foi dado privar com o seu alto espírito. Releio-a nas gentis linhas que me dirigiu, com gratidão pela sua grandeza de alma; e nos seus eruditos ensaios, com admiração enorme.

O professor da Sorbona Dupont-Sommer conta-nos nas "Nouvelles Littéraires" de 8 de Março, que desceu na planície ciliciana para estudar as inscrições diglotas encontradas nas margens do Piramos, no Antitauro, devido aos esforços do professor Bossert, da Universidade de Istambul. Como o fenício, uma das línguas dessas inscrições, era já conhecido, a outra língua, o hitita, está em via dum pleno conhecimento. Também novos baixos-relêvos vêm aumentar o tesouro artístico da Humanidade; novos reis da era neo-hitita entram na história geral; e certos problemas históricos encontrarão a sua solução. Como estão longe os dias em que os inimigos da Bíblia zombavam das referências que nela se fazem ao império heteu!

O falecido marechal-de-campo J. C. Smuts, uma das maiores, senão a maior figura da vida social e mental da União Sul-africana, há pouco desaparecida, escrevia em 23 de Abril de 1942 uma carta ao reverendo G. T. Manley, na qual fazia estas afirmações, dignas de particular registo: "Ser-lhe-á interessante saber que através destes longos anos (desde a saída do Colégio de Cristo, em Cambridge, onde ambos se tinham encontrado) tenho permanecido um constante leitor do meu pequeno Testamento grego, e mais e mais ele derrama luz sobre os sucessos, mais do que qualquer outro livro que eu conheça. Para o nosso tempo, assim como para todos os tempos, o Homem

## REMINISCENCIAS E PERSPECTIVAS

da Galileia domina o nosso horizonte. Em confronto, os Hitlers, os Estalines e o resto são fantasmas insignificantes e passageiros. "A sua mensagem permanece a verdadeira luz do mundo". Cinco anos depois, a 3 de Novembro de 1947, ao agradecer a oferta dum Manual Bíblico, escreve Smuts: "A Bíblia continua a ser o grande livro dos séculos, agora mais útil que nunca, na crise e na confusão moral pela qual a Humanidade está passando..." Palavras solenes e dignas de particular registo, por si mesmas e pelo valor do homem que as pensou e escreveu.

Quanto a matéria de crença, o Censo que foi realizado há poucas semanas nada vai fazer saber de proveitoso e seguro, **primo** porque a pergunta foi imperfeita, **secundo**, porque imperfeitas seriam as respostas, mesmo que os respondentes tivessem sido bem perguntados. Os que fizeram declarações explicativas satisfizeram a sua consciência, e nada mais. Loucura seria pensar que as excelentes máquinas americanas alugadas para registar as declarações, levam tão longe o seu raciocínio... Os que terão dado ao termo "católico" o seu legítimo sentido foram decerto registados como "romanos" sem o serem; os que aceitaram provisoriamente, para o efeito da estatística, a designação contrária, foram avultar um rebanho incongruente, um mistifório de seitas sem outra significação que não seja "espírito de contradição" ou desejo de revolta, o que é muito pouco, como valor social. Aí fica o amigo da ordem e amante da Pátria, que ora humildemente pela reforma da Igreja, a par duma dezena de negadores dos dogmas básicos da Cristandade...

F. Heiler (citado por K. Adam) anunciou em 1923 (Der Katholizismus, sine Idee und seine Erscheinung) a ruína próxima do protestantismo. Ora a essa data já o protestantismo histórico estava arruinado; mas há muito mais tempo, em nosso entender, se arruinara o catolicismo romano. Hoje um cristão integral sabe que só o Evangelho permanecerá, e a Igreja onde ele se mantiver, não traído pela natural evolução de toda a doutrina e de toda a expressão — a Igreja que reúne aos

pés de Deus o grego, o latino e o germano, vencidos em humildade e triunfadores do orgulho pagão.

Não há nada para nos melhorar como é conhecer o que os outros pensam de nós. Eça de Queirós, estudando o critério chinês em face da civilização cristã, diz isto, que pensado há tanto tempo ainda guarda todo o frescor duma verdade permanente: "Na sua religião eles não mostram, nem unidade nem dignidade, tratando-se mutuamente de "heréticos"; dum lado a igreja católica, doutro lado a igreja protestante, esta contraminando aquela, que intriga contra a outra, e ainda dentro de cada igreja divididos em seitas que se guerreiam, calvinistas contra anglicanos, jesuitas contra dominicanos. Nos seus costumes não mostram humildade nem união"... Deus nos ajude a emendar tais erros.

A imprensa periódica, efêmera como é, tem quase sempre a função de adubo: excita a mente do leitor, como o estrume acorda as energias adormecidas da gleba. Pode ser que também lhe sirva como o esterco de Ênio serviu a Vergílio que, acusado de plagiar o poeta obscuro, disse: "do esterco de Ênio tiro eu as minhas pérolas". Mas, meus amigos, antes ser hortelão que trapeiro. Antes nos excitemos nobremente uns aos outros, com o livre e leal intercâmbio das ideias, que surripiemos do **lixo** alheio, ou da produção alheia que reputamos "lixo", as pérolas que nos convém. A citação é lícita e nobre; o plágio é deselegante e indigno.

Veio parar às nossas mãos uma carta dum habitante da Cidade de S. Tomé dirigida a João Bunyan, o glorioso autor do "Peregrino", falecido vai para 263 anos. A carta começa assim: "Ex.<sup>mo</sup> Senhor João Bunyan, Lisboa. No primeiro que tudo desejo que esta lhe vá encontrar no goso duma importante saúde, bem como a sua ilustre família". E segue encomendando dois exemplares do grande livro cristão. Se soubessemos de algum parente de Bunyan, nós lhe enviaríamos a versão inglesa desta carta onde com tanta candura um admirador se manifesta.

Do último superintendente da Igreja Metodista em Portugal, Rev. António Tavares, falecido em 20 de Dezembro, ninguém melhor poderia escrever que o Rev. António Ferreira Fiador, as palavras que transcrevemos do "Portugal Evangélico" de Janeiro: "... Simples na sua apresentação e trato, prudente nas suas acções e trabalhos, como sempre o conheci, era de facto um valor entre os Obreiros evangélicos em Portugal. Como professor, em Massarelos e em Lordelo, durante largos anos, deu sobejas provas da sua competência no ensino ministrado a numerosas gerações de alunos que instruiu e educou. No ministério da Igreja Metodista, que tão zelosa e consagradamente serviu, revelou sempre exemplo de vida cristã e pastoral, cuidadoso no trabalho, fervoroso no espírito, servindo ao Senhor".

Tomás Luceño, um folhetinista do "Blanco y Negro" notava um dia com muita graça como a terminologia taurina é aflitivamente contraditória. Pergunta um o que vinha a ser uma **verónica**; e o entendido responde: "É quando o **diestro** se coloca com a capa nas duas mãos, em frente do touro, da mesma forma que a Verónica ao subir Cristo ao Calvário"... O outro replica, e com razão: "Que blasfêmia"! E tira as naturais conclusões da comparação, aliás nascida da mente dum povo que se diz cristão. A lenda da Verónica não tem consistência; é baseada na incompreensão da frase "veron icon", imagem verdadeira, atribuída a qualquer imagem que os seus possuidores queriam impor, nas constantes lutas medievais, tão arredadas do verdadeiro espírito do Evangelho. Contudo a irreverência não deixa de ser bem evidente.

Eis três argumentos a favor do dízimo na Igreja Cristã. Um, de feição pagã, no melhor sentido deste termo: "Tanto devo à Divindade Providente que não é demais separar um pouco para a honrar". Outro, de feição judaica: É evidente que o Todo Poderoso não ficará a dever nada do que se Lhe oferece. E assim, só lucrarei com a oferta". Ainda outro, de feição cristã: "Quero honrar o meu Senhor dando-me todo, pois Lhe pertence; e para que não fique a dádiva em teoria, simbòlicamente separo uma parte de inteira renúncia, e gozo com oferta".

Em todos os séculos houve cristãos sinceros e decididos, de temperamento vário. Considerai no princípio um Pedro, um Tomé, um Filipe, um João, um Lucas. Em fins do primeiro século S. Justino era um homem sereno e moderado, Taciano um homem vivo e contundente. Havia no seu tempo um pseudo-filósofo cínico, inimigo dos cristãos, chamado Crescêncio, que teve de lhe sentir a punção queimante. Na opinião de Taciano, não era um filósofo, esse Crescêncio. Era um **filópsofo**... ou seja, na língua grega, um "amigo do barulho". Quantos mereceriam ainda hoje o estigma, quantos que não são mais do que amigos de barulho, a troco de alguma vantagem... Crescêncio recebia do Imperador seiscentas peças de ouro. Para aí uns vinte contos dos nossos por mês. Não é coisa de espantar, nos dias que correm; em todo o caso era um **filópsofo** bem pago.

Há quem diga que certa recente música de fífias, pintura de monos e escultura de distorsões é o resultado dum avanço estético que os velhos, fossilizados na contemplação do passado, não podem compreender. Concedo que toda a arte acompanha a vida e que a vida é movimento e mutação; e também que é necessário tempo para a multidão, desprovida de talento criador, compreender as novas expressões superiores do talento e do génio. Mas diz-me o conhecimento da história da arte que nem sempre foi ascendente a sua marcha; houve, como em tudo, períodos de estagnação e de retrocesso; e diz-me a experiência e o bom senso natural, que existe no fundo de todos os seres, que certas crises colectivas poderão desajudar o verdadeiro progresso estético. Porque não supor que dentro de algum tempo se irão julgar algumas das manifestações da arte actual como sendo um produto mais de nevrose geral, duma pandemia provocadora de retrocesso do bom gosto?

Nada repeso estou de ter instado com o ilustre amigo Snr. Dr. António Emílio de Magalhães para promover, por meio da Liga de Profilaxia Social que se não permitisse o exercício dos engraxadores em cafés e restaurantes. Era (e é) lamentável o aspecto dos "sibaritas de ocasião" estendendo o pé importante enquanto ingerem seus manjares e

beberetes, ao mesmo tempo que um outro ser humano, curvado a seus pés, o serve. Mas se isto nos choca (a formação dos homens não é toda igual) é contudo de elementar observação a escova canseirosa levantar poeiras que à nossa mesa de jantar não admitiríamos, e que pelo menos podem incomodar outros. O operoso demofilo que é o Dr. António Emílio concordou, actuou e conseguiu; mas por pouco tempo, porque os visados protestaram e não sei se se **cunharam**, e tudo voltou à mesma... Mas não estamos repesos, digo, porque a lição vale. É mais um facto a demonstrar que não são portarias nem posturas que transformam um povo, mas a soma crescente dos conquistados para uma nova concepção cívica e urbana. O civilismo depende do civismo... e da civilidade. Eduquem-se os portugueses pelo Evangelho — que não deve ser um livro selado, num ambiente hostil e diante dum povo analfabeto (Isaias cap. 29) e Portugal obterá um grau superior, uma atitude nova e uma vida mais perfeita e mais intensa.

Não podemos enfileirar com pseudoliberais que dizem—"papista se protestantes valem o mesmo". Seja romano, seja protestante, o que vale no homem é o carácter. Há grandes vultos no catolicismo romano e há protestantes que não valem grande coisa. Também não nos sentimos num mesmo espírito com aqueles que consideram os evangélicos liturgistas vizinhos do romanismo. Mais vizinho do romanismo intolerante está o protestantismo intolerante, de qualquer seita que seja.

Recordemos: Os metodistas norte-americanos, que afrontavam o Vaticano, tinham sido expulsos do Monte Mário, em Roma, quando na Itália imperava o poder descricionário. Mas em certo dia de Julho de 1943, as tropas dos Estados Unidos, entraram em território italiano, e o Presidente Roosevelt enviou a Pio XII uma mensagem em que diz: "Não tenho necessidade de reafirmar a Vossa Santidade que o respeito pelas crenças e pelo livre exercício das funções religiosas é fundamental para as ideias do Governo e do povo americano. Igrejas e instituições religiosas, até onde nós pudermos mandar, serão poupadas às devastações da guerra durante a luta em que estamos empenhados, e durante o período das operações o estado

neutral da Cidade do Vaticano, bem como os domínios pontifícios na Itália serão respeitados". E assim foi.

Mandaram-me um recorte do "Correio do Vouga" em que se descreve dois pastores protestantes ingleses que vieram a Fátima, estando a caminho da **conversão**. Descrevem-se como agentes dum milagre maior que as curas do corpo ali observadas, segundo as notícias. É sempre a mesma sarrazina, que diz tanto ou tão pouco como a notícia daquele inglês excêntrico que há poucos anos se fez budista, ou aqueles herois portugueses que no século XII se faziam muçulmanos. Os jornais evangélicos brasileiros de há quatro meses trazem uma resenha feita pelo Rev. Américo Ribeiro, pastor em estágio nos Estados Unidos, sobre as conversões de católicos romanos à Igreja Episcopal da América do Norte, no período de 1940-1950. Segundo estatística oficial extraída da revista "The Living Church", de Setembro desse último ano, nesse decénio vieram da Igreja Romana para a Episcopal, 26.242 adultos (se se registassem aqui as crianças o número dobraria) incluindo 14 sacerdotes. E poderei continuar a informação para outra vez, que há mais para dizer.

## A CONVERSÃO DE BERGSON

Por Fernando Sylvan  
(Exclusivo para «ECCLESIA»)

**R**ARAMENTE um jovem estudante toma contacto com um grande filósofo começando por debruçar-se sobre a sua obra, no desejo de tomar uma atitude perante as suas especulações. Não é fácil nascer de per si esse desejo, nem haver uma coincidência que coloque de surpresa o novato nos caminhos do experiente pensador. Há sempre uns anteriores estudantes, fieis ou infieis, e que tomam o nome pomposo de discípulos ou o combativo de detractores, estudan-

tes que são os que primeiro se cruzam com os famintos que buscam, nos espessos labirintos da vida, a essência das coisas. E quantas vezes não acontece, com estes encontros indirectos, o novato estar convencido de que entende ou repudia um grande pensador, que, afinal, nunca encontrou em seus caminhos senão através de frases soltas. Outras vezes, é o verdadeiro encontro que, revelando o filósofo em potência, mostra quanto, discípulos e detractores, eram pequenos para darem a medida exacta do homem que pretendiam discutir.

O primeiro contacto que tive com o grande Henri Bergson, era eu quase menino, creio que foi através da Maritain. Tinha já lido "Assim falou Zaratustra" e a grandeza de Nietzsche dominava a minha pobre alma faminta, sem, contudo, ter-me dado solução para as minhas inquietações. Qualquer coisa dentro de mim perguntava ao autor gigante do "Ecce Homo" se ele, realmente, no fundo do seu coração, no primeiro e no último pensamento em cada manhã e em cada noite, acreditava no que dizia! Eu não sabia distinguir entre o filósofo e poeta, entre o homem que cria em si e o desiludido revoltado. Mas o que ainda hoje mantenho, é que muitas vezes encontro consolação em Nietzsche...

Foi neste estado espiritual, de dúvida profunda, que um dia, folheando Jacques Maritain, senti curiosidade pelo neo-cristianismo intelectual que debutava em França. Pareceu-me ver surgir Bergson, apostolicamente, homem de fé cristã, no meio do povo que precisava de mensagem, e não na cátedra eminente do Colégio de França. É claro que, daí em diante, li quanto pude sobre o autor da "Evolução Criadora", mesmo o posterior à sua morte, como o notável ensaio de Charles Oulmont.

Quer dizer que, ao contrário do que acontecera com Nietzsche, e mesmo com Comte, Hegel, Darwin, com quem contactara directamente, o meu convívio espiritual com Bergson, haveria de ser, durante alguns anos, através dos seus ensaistas. O contrário se dera com o autor colossal da "Vontade de Domínio", pois já lera grande parte da sua obra, quando o acompanhei através do belo ensaio de Heinrich Mann.

Qualquer destas duas atitudes, reconheço-o agora, é deficiente, pelo perigo que representa a confiança demasiada nas palavras dos outros e na nossa percepção. Para bem ter compreendido então

Bergson, deveria perceber o conceito exacto das palavras fé e cristianismo; mas militante católico-romano não conhecia, nesse tempo, a Bíblia.

Observava que alguns apresentavam Bergson como baluarte do catolicismo-romano e outros apenas, e cuidadosamente, como homem de fé. Não compreendia o exagero daqueles, nem a subtilidade destes, porque, volto a repeti-lo, ser-se católico-romano ou homem de fé, era, para mim, o mesmo. Quando porém, li pela primeira vez a Bíblia, compreendi a diferença.

Entretanto, chegava-me directamente ao autor de "Matéria e Memória" e perguntava-me, timidamente embora, onde estavam os fundamentos para defender-se o cristianismo de Bergson. Mas como podia eu fazer uma pergunta dessas, se, entretimentos, o filósofo morria, enlutando a França e a Humanidade, e escritores e jornalistas católico-romanos pranteavam o seu par e lançavam aos quatro ventos o milagre da sua conversão?

Assim, ficou para mim, como facto assente, indiscutível, a conversão de Bergson. O malabarismo de alguns teólogos e filósofos não teve dificuldade em amachucar a minha argumentação, com Tomás de Aquino, o grande construtor da Escolástica, porventura o mais elástico de todos os sistemas. A Escolástica, que não é nem teologia, porque admite uma espécie de supremacia do pensamento do homem, nem filosofia pura, porque inculca a fé, permitia a confusão.

Leitor assíduo de "Les Nouvelles Littéraires" e de "Le Figaro Littéraire", dois jornais de plano mundial, tem-me sido fácil auscultar um pouco o espírito francês e estar ao par do que lá se diz e pensa. É claro que as interrogações sobre o caso Bergson, sobre a realidade ou fantasia da sua conversão, têm-me interessado, e a França intelectual tem-as discutido. Foi por isso que pude receber um raio de luz, límpido como de sol, quando, num dos últimos números de "Les Nouvelles Littéraires", que é dirigido pelo grande jornalista André Gillon, e numa notícia sobre o décimo aniversário da morte do eminente pensador, se transcrevia uma carta de sua esposa, dirigida a Emmanuel Mounier, e que com a devida vénia transcrevo:

*Mon mari considérait le catholicisme avec une sympathie croissante; il n'a pas voulu se convertir pour des raisons qu'il a expliquées avec beaucoup de netteté dans un passage de son testament en date du 8 février 1937 que je crois devoir vous communiquer:*

*Mes réflexions m'ont amené de plus en plus près du catholicisme où je vois l'achèvement complet du judaïsme. Je me serais converti si je n'avais vu se préparer depuis des années la formidable vague d'antisémitisme qui va déferler sur le monde. J'ai voulu rester parmi ceux qui seront demain des persécutés...*

Esta prova é tão forte, que não permite a mais pequena discussão sobre a atitude de Bergson perante o catolicismo-romano. Bergson não se converteu!

Da carta de Madame Henri Bergson, transcrita apenas parcialmente, e das próprias palavras do filósofo, infere-se, ainda, a sua fidelidade à raça judaica e à nobreza com que se dispunha a comungar nos seus infortúnios.

Terminando este artigo, permito-me, porém, levantar uma questão: Estava Bergson tão perto do catolicismo-romano como do cristianismo? O que interessa? é a conversão a Roma ou a Cristo?

Com a Escolástica aberta (ou fechada, tanto faz!) pode-se provar, a despeito das suas próprias palavras: "Je me serais converti si", que a atitude dele equivalia à conversão. Mas com a Bíblia, não!

É que perante o Papa pode-se dizer: "Ter-me-ia convertido se não tivesse visto preparar-se desde há anos a formidável vaga de antisemitismo que se vai desencadear sobre o mundo. Resolvi ficar entre aqueles que amanhã serão perseguidos...", porque são razões humanas. Mas a conversão a Cristo é um acto de fé, pela graça do Espírito Santo! Bergson não o compreendeu!

**Fernando Sylvan**

---

## CONCEITOS POPULARES

### Pacatés:

*Boa romaria faz  
Quem em casa fica em paz.*

### Bom senso:

*Se se há de pedir aos santos,  
Pede-se logo a Deus!*

### Ironia:

*Para baixo...  
Todos os santos ajudam.*

## NO ÁTRIO

### AS COMEMORAÇÕES DA IGREJA, NO TRIMESTRE

- 25 de Abril: *S. Marcos Evangelista*  
 29 de Abril (a 2 de Maio): *Dias das Rogações*  
 1 de Maio: *S. Filipe e Santiago, Apóstolos*  
 3 de Maio: *Quinta-feira de Ascensão*  
 13 de Maio: *Domingo de Pentecostes*  
 20 de Maio: *Domingo da Santíssima Trindade*  
 11 de Junho: *S. Barnabé, Apóstolo*  
 24 de Junho: *Natividade de S. João Baptista*  
 29 de Junho: *S. Pedro Apóstolo*

### OUTRAS COMEMORAÇÕES

- 23 de Abril, "*Dia de S. Jorge*", é a festa universal dos Escoteiros.  
 O 1.º de Maio é o dia internacional dos trabalhadores.  
 O "*Dia das Mães*" coincide este ano com o Domingo de Pentecostes, 13 de Maio.  
 Em Portugal e no Brasil festeja-se em 3 de Maio o descobrimento da grande nação sul-americana; e em 10 de Junho, Portugal comemora o seu maior Épico, Luiz de Camões.



## NA NAVE

### UM "HOMEM DE BEM", CHEIO DO ESPÍRITO SANTO

*Actos 11:24*

José, o "Barnabé", ou filho da consolação — da profecia consoladora, foi realmente um cristão pronto a exortar, a animar, a harmonizar os seus irmãos; contudo, por causa de seu parente João Marcos, separou-se de Paulo, promovendo assim a primeira nota desconsoladora na obra das missões. (Colossenses 4:10).

Ficou essa nota, como tantas outras que nas Escrituras nos mostram que são homens, com seus defeitos e virtudes, aqueles

que Deus toma, para na pedra bruta ir esculpindo Seus Santos.

Sendo levita, membro da tribo à qual não tinha sido assinada parcela alguma na distribuição territorial de Canaan, para que se entregasse ao serviço religioso, forense e escolar, Barnabé possuía uma herdade; e assim se apresenta como documento pessoal da quebra da velha lei mosaica, ocorrida decerto desde a Dispersão.

Proprietário rural, em dias de domínio estrangeiro, quando todos os prejuízos poderiam ser receados por um judeu que "tinha que perder", não tem ele dúvida em vir voluntariamente entregar aos Apóstolos o produto da venda das suas terras, dando assim pelo seu exemplo, origem, segundo parece, a esse movimento fraternal do princípio da Igreja Cristã.

Obreiro cristão que sempre deu, humildemente, a primazia a Paulo, desde que advogara a sua causa perante os irmãos justamente apreensivos, e quando com ele trabalhou na evangelização dos pagãos, foi pelos homens de Listra tomado por *Júpiter*, o rei do Olimpo (talvez por ser de estatura imponente, ao invés do seu companheiro), e Paulo foi chamado *Mercúrio*, o mensageiro dos deuses romano-helénicos.

Incorrendo com Pedro, na dissimulação que Paulo censurou desassombadamente (Galátas 2:12 e 13), não veio a perder contudo o superior conceito em que o Doutor das Gentes o tinha (1.ª aos Coríntios 9:6).

As aparentes contradições tão compreensíveis e tão humanas, atraem-nos para esta bela figura de Apóstolo, personagem interessantíssima, digna de acurado estudo, e ao fazê-lo em breve nos sentiremos empolgados por esse pioneiro da fraternidade cristã e da gloriosa Obra Missionária.

"Homem de bem, cheio de Espírito Santo e de fé".

## FLORILÉGIO DA ORAÇÃO

PAI nosso, damos-Te graças pela vida e pelo conhecimento que nos revelaste, por Teu servo Jesus. A Ti seja a glória por séculos dos séculos. Da mesma maneira que este pão, que partimos, estava espalhado pelas altas colinas, e foi ajuntado, Te suplicamos que de todas as extremidades da terra reunas a Tua Igreja no Teu Reino, porque Te pertence a glória e o que poder que exerces por Jesus Cristo, nos séculos dos séculos. **Ámen.**

*(Oração missionária indicada para ser dita na Sagrada Eucaristia, na "Didache", ou "Doutrina dos Doze Apóstolos", escrito postapostólico dos mais antigos que se conhecem, do princípio ou meados do século II).*

PAI Celeste! De Ti vem todo o bem e dom perfeito.

Quando Tu estabelececes uma das Tuas criaturas para instruir os homens e guias o preocupado, é preciso também tirar proveito do seu ensino e dos seus conselhos, seguindo-os. Vigia, pois, Senhor, que o preocupado entre verdadeiramente para a escola desses mestres instituídos pela Tua divina providência: os lírios do campo e as aves do céu. **Ámen.**

*(Oração de Kierkegaard, célebre moralista cristão dinamarquês (1813-1855)).*

ABENÇOA-NOS, ó Senhor, a nós Teus servos que ministramos no Teu Templo. Concede que tudo quanto cantarmos com os lábios possamos crê-lo com o coração. E, o que crermos com o coração, que possamos manifestá-lo nas nossas vidas; mediante Jesus Cristo nosso Senhor. **Ámen.**

*(Oração do Cantor do "Despertar")*

## GALERIA HISTÓRICA

O "Piloto Martinho", egresso dominicano.

Uma Carta Misteriosa, de Eduardo VI de Inglaterra para D. João III de Portugal.

A nossa Primeira Gramática.

Supostas Cutiladas e Torturas autênticas

**F**AZ em 22 de Agosto próximo quatrocentos anos que saiu em liberdade dos cárceres da Inquisição, depois de tortura e clausura de quatro anos, um português muito ilustre, precursor da disciplina gramatical da nossa língua, assim como da teoria da arte náutica, também do anti-escravismo e um dos fautores do nacionalismo anti-iberista e do catolicismo anti-romano: **Fernão de Oliveira.**

Fernão de Oliveira foi um gramático e escritor naval nascido, em Aveiro, em 1507, morto em data incerta, provavelmente depois de 1581. Dizem-no filho dum juiz dos órfãos de Pedrógão, de nome Heitor de Oliveira. Foi noviço dominicano, tendo entrado aos 13 anos no convento de Évora, onde foi discípulo de André de Resende; e em 1532, aos 25 anos, já professo, fugiu do convento, expatriando-se para Espanha. Segundo declarações suas, não confirmadas, conseguiu a sua secularização por "carta apostólica" de Paulo III, e em 1536, já em Portugal, publicou a "Gramática da Linguagem Portuguesa" (Lisboa, Germão Galharde), a qual é a primeira que do nosso idioma se publicou, e a segunda em qualquer das línguas modernas (a primeira é a do castelhano, de António de Lebrija ou Lebríxa, Salamanca, 1492). Na volta de Castela, mantendo-se egresso da Ordem dos Prêgadores, dedicara-se ao ensino particular, e foram seus discípulos o filho de D. Fernando de Almada, por ordem de quem deu à estampa a Gramática (ordem lhe chama o autor, mas preferível me é supor que foi sugestão ou protecção oferecida ou pedida) e os filhos do barão de Alvito e de João de Barros, o autor da segunda gramática portuguesa, publicada em 1540.

Curioso é o facto de ter Barros tomado Oliveira para mestre de seus filhos e desconhecer o trabalho deste, publicado quatro anos antes do seu; pois ambos os AA. se apresentam como iniciadores da disciplina gramatical. É difícil não pensar numa rivalidade de qualquer natureza, surgida depois de '36, pois ainda nessa data Oliveira invoca a autoridade literária de Barros duas vezes, e em '40 Barros se apresenta como o primeiro que pôs a nossa língua "em arte". Em '40 ou '41 parte Oliveira para Itália. Tem-se conjecturado que ele fosse utilizado por D. João III em serviços secretos, tantos portugueses ele utilizava assim; mas o seu nome não aparece em documento algum, na questão dos cristãos novos e da Inquisição, em luta surda para arrancar do papa a permissão ou o impedimento das medidas repressivas que o rei de Portugal tanto desejava. A identificação de Oliveira com um certo Fernão Coutinho está hoje prejudicada, e é também inaceitável que Oliveira fosse no assunto uma figura apagada, e por isso não citada, pois voltou para Portugal em companhia do núncio Lippomani, em 1543. Perdidas as lições de humanidades, perdida a estima dos dominicanos, que abandonara, e inimistado com outros porventura devido ao seu génio independente e, se dermos ouvidos a certos testemunhos, mesmo arrebatado, Oliveira teve dois anos difíceis, que aliás o foram para toda a nação, assolada pela fome. É assim que de novo se expatria, indo para bordo duma das galés francesas aportadas a Lisboa em 1545. Passa a ser o piloto Martinho sob o comando do Barão de Saint-Blancard, na frota do Barão de La Garde, o famoso "Capitão Polain". O Piloto Martinho não usa então a loba eclesiástica nem a tonsura; mas como bom católico romano confessa-se e comunga em Ruão, na quaresma de '46. Pouco depois é, com os companheiros franceses, aprisionado pela frota inglesa, aparece em Londres, onde o vamos encontrar em breve gozando de certo valimento junto de Henrique VIII e sentindo crescer as simpatias por um ambiente social contrário àquele de que se quisera segregar, com tão grande risco. Virá a referir-se ao viver conventual, à supremacia papal, a grosseiros embustes a respeito de imagens, que ele conhecera, como coisas condenáveis. Por morte de Henrique VIII, conserva Oliveira o favor da côrte inglesa, pois regressa a Portugal em 1547 com carta do jôvem rei Eduardo VI, decerto produzida pelo regente, duque de Somerset, para

D. João III. Cessara com o rei morto o cesario-papismo, no seu sentido absoluto, e a nação inglesa evoluia para um reformismo jerárquico e ordeiro. E Oliveira, elogiando o rei morto como grande político, tendia para a nova evolução, como se depreende das declarações arrancadas à sua admirável franqueza. Perdido hoje o documento que trouxe e de certo entregou, não se sabe se ele era uma simples recomendação, se trataria da questão do curso que tanto afligia o comércio português, e que mais tarde Oliveira referiria duma forma perfeita. Em qualquer dos casos, não é de estranhar o desaparecimento da carta. Mas outro problema mais grave surge agora. Que motivo forte levaria Oliveira a tão depressa regressar ao Portugal faminto e aterrorizado pela Inquisição, que deixara dois anos antes? O simples espírito de aventura que viria a revelar pela vida fora? Um acrisolado amor pátrio que o levaria a intervir na vida nacional, como voluntário agente de ligação entre os dois governos? Uma ânsia apostólica que o cegasse ao ponto de não prever a inutilidade dos esforços que empreendesse, ante as chamas recentemente acesas pela sua antiga ordem de S. Domingos, a quem fora confiado o Santo Ofício? Não há dúvida que, chegado a Lisboa, fala desasombradamente, e essa espantosa coragem só pode ser ditada por uma inconsciência que se não compadece com o são critério demonstrado na sua obra escrita, ou pelo desejo irreprimível de testemunhar contra o ambiente que aqui deixara e peor ainda encontrou, em seu juízo. No próprio mês e ano da sua chegada, Novembro de 1547, mês e ano em que a Inquisição fôra definitivamente estabelecida por rescrito papal, foi Oliveira denunciado pelos livreiros João de Borgonha, Francisco Fernandes e Pedro Alvares, talvez com a intervenção velada de mestre André de Resende, e preso nos cárceres do Rossio de Lisboa. A Inquisição, que tão vagarosa foi com Damião de Gois, só procedendo 27 anos depois da primeira denúncia, ouviu o libelo ao fim de oito dias, julga-o ao fim de nove meses e condena-o a cárcere por tempo indeterminado, decerto porque as faltas atribuídas, provavelmente deturpadas e exageradas nas denúncias, eram do domínio público. Consistiam em elogiar os hereges ingleses, negar que o fossem, e mesmo o fosse o seu rei, e por fim ameaçar com cutiladas e bofetadas (seria assim?) quem ousasse contradizê-lo. Ao fim de três anos, em razão dum seu pedido humilde, estando "muito

pobre e doente de cólica", foi-lhe comutada a pena para reclusão mitigada no mosteiro de Belem; e passado mais um ano é libertado, com a restrição de só sair do reino com licença (22. VIII. 1551). Na sua defesa perante os inquisidores, como em todos os seus escritos conhecidos, Oliveira revela-se um cultor exímio do português do seu tempo, um conhecedor profundo e subtil das letras sagradas e profanas, homem de inteligência viva e construtiva, palavra fácil e alma vibrátil. Admitia o cisma em relação a Roma, distinguindo catolicismo e romanismo e, dessa maneira, não se considerando hereje, supôs talvez conseguir ambiente para a reforma; mas o sepultamento em vida nos lóbregos cárceres devem ter-lhe tirado em breve as ilusões que trazia o seu espírito tão latino. É fácil acompanhar, no processo, o enfraquecimento do seu alto espírito, em progressivos desânimos. Contudo, vê-lo-emos partir como capelão duma expedição para a África do Norte, em 1552. É, com os companheiros, aprisionado em Velez, e depois escolhido com outro para vir a Portugal negociar o resgate, e aqui fica, no princípio de '54 e hospedado por um fidalgo seu **amigo**, que o espia e denuncia, mas ainda em Outubro desse ano é nomeado revisor da Universidade e da aula de retórica em Coimbra; e só em Outubro de '55 é outra vez encarcerado, durando o novo cativo, pelo menos dois anos. Com um prólogo datado de 1554 publica, antes da prisão, a "Arte da Guerra do Mar" (Coimbra, João Alvares, 1555), obra que o seu mais copioso biógrafo considera, além da primeira publicada, uma das mais perfeitadas na matéria versada. Seguir-se-lhes-iam o "Livro da Fábrica das Naus", que ficou manuscrito e só em 1898 seria impresso com o magnífico estudo bibliográfico de Henrique Lopes de Mendonça, que acima se refere; e uma "Arte de Navegação" em latim, cuja existência se conhece devido a uma alusão do A. Muito avançado ao seu tempo, foi um dos precursores do anti-escravismo. Foi licenciado, decerto por equiparação dos seus estudos em Évora, e intitulou-se "capelão dos reis de Portugal numa "História de Portugal" de que restam fragmentos na Biblioteca Nacional de Paris. Em 1565 parece que estava lendo casos de consciência na escola dos espatários em Palmela, e recebia uma tença do rei D. Sebastião. Inferências habilmente deduzidas por Lopes de Mendonça levam-nos a supor no Fernão de Oliveira autor do ms. truncado "Livro da antiguidade, nobreza, liberdade e imuni-

dade do reino de Portugal", que, como o anterior citado e a versão do **De Re Rustica** de Columella, fizeram parte das colecções do cardeal Mazarino, o nosso mesmo homem e não um seu homónimo, que combateria, já septuagenário, depois da morte do cardeal-rei, a intrusão dos Filipes. Esquecido durante séculos, merece ser considerado um dos maiores portugueses quinhentistas, pensador, erudito e sábio, latinista elegante e renovador da retórica de Quintiliano, como se depreende do elogio de Jerónimo Cardoso no seu "Epistolário". A "Gramática" teve duas edições modernas, em 1871 e em 1933.

---



---

## O VALOR DO USO

### NA

## EDUCAÇÃO RELIGIOSA

---



---

**Q**UVI uma vez, num congresso realizado na Provença, que antes de haver pedagogia tinha havido pedagogos; e assenti imediatamente nessa palpável verdade, que chega a parecer lapalisseana.

Afinal, antes que houvesse a teoria houve a prática que a criou, e antes de se definirem as ideias abstractas, deram-se os factos concretos, donde elas derivaram, e antes que houvesse o composto houve o simples e antes de toda a arte viveu o artista inicial.

Sabe, porém, mais do que isso a alma cristã: sabe que o plural da vida veio da singularidade divina e que todo o ensino do sublime e do perdurável proveio do Revelador que disse: "Antes que Abraão existisse, Eu sou (João 8:58).

Todavia a pedagogia existe e invade muitos mais departamentos da vida do que vulgarmente se supõe. Pedagogo é a nossa mãe, ensinadora preciosa dos pri-

meiros anos da existência de cada um; pedagogo o mestre das primeiras letras assim como os outros, de matéria secundária ou especial; o catequista e o prêgador que nos falam do céu; o político e o editorialista que nos utilizam e orientam a opinião na terra; e até na indústria e no comércio, quando bem orientados, se aplica a psicologia da multidão, que é matéria pedagógica. Direi mesmo que se todos fossemos cristãos, a publicidade teria uma base pedagógica, educadora do público consumidor, sem prejuízo dos interesses da produção. Assim...

Notava o velho Hipólito de Campos, que tanto agitou os nossos púlpitos com a sua eloquência abundante e desregrada, que a Igreja toda é docente e discente, ou ensinada e ensinadora, pois o Grande Mandato do Divino Mestre a todos dá a dupla função, se bem o compreendermos. Assim é. É, contudo, de lastimar que, com a mania no amadorismo, se ensine o que se não sabe e se cale o que se sabe. Esquecemo-nos do sapateiro de Apeles... O sectarismo é uma prova disso, pois leva o cristão a gastar-se nas provas e argumentos que exigem muito estudo, que não tem, e lhe furtam as energias que deveria ter para clamar como Job: "Eu sei que o meu salvador está vivo e que no fim se levantará sobre o pó. Deste esqueleto, revestido da sua pele, na minha carne verei a Deus. Eu mesmo O verei; meus olhos o verão e não de outro..." Job 19:25 a 27. E com Paulo: "Eu sei em Quem tenho crido, e estou bem certo de que Ele é poderoso para guardar o meu tesouro até àquele dia." 2.<sup>a</sup> a Timóteo 1:12.

Qual o cristão que não o pode dizer, sabendo bem o que diz?

Grandes ensinamentos nos dá a pedagogia, filhos de grandes experiências, dos Comé-

nios, dos Arnouldes, dos Pestalozzis e de tantos outros; e um desses ensinamentos se refere ao valor do uso corrente na educação. Não se pode educar, notai bem, não se pode, sem inculcar regras e fórmulas de uso. Foi assim que Deus inspirou a Moisés todo esse rico cerimonial que nenhum cristão se atreve a condenar, pois se veria numa situação difícil em face das Escrituras inspiradas. E não ficamos, contudo, em perplexidade, por mais chocados que tenhamos sido pelo abuso litúrgico que amesquinha ou mesmo anula o espírito do Evangelho, se nos lembrarmos que o mesmo Divino Pai do sacerdócio levítico é o Soberano mandatário dos profetas reformadores, e que o Novo Pacto aboliu os ritos antigos criando outros mais singelos.

Parece-me que a lição aprendida se resume nisto: não há educação sem uso corrente; toda a prática religiosa está empapada de espírito educativo; a liturgia não é eterna mas perdurável, e modifica-se pela acção dos tempos, pela necessidade do meio, pela imposição das línguas; a ausência da liturgia daria ao director ocasional do culto uma influência que não compensa a da "nuvem de testemunhas" representada pela liturgia herdada de antigas gerações. O papel do director ocasional do serviço divino não é, pois, o de substituir-se à liturgia, mas de fazê-la viver cada dia, cada hora, em vez de mecanizá-la em si, mecanizando-se com ela.

As diferentes interpretações dum mesma partitura dá bem a ideia do que é o viver ou não a liturgia.

Um excêntrico médico inglês desaconselhava há tempos o uso da água em banhos e em bebida, porque os sais contidos nela, segundo ele entendia, penetrando pelos poros ou *per os* iam ossificar as cartilagens abreviando a senectude. Estranha

teoria! Mas admitamos por um momento, e por absurdo, que o homem tinha razão. Deixariamos de beber água e de nos lavarmos? Não. Procuraríamos defender as cartilagens ameaçadas.

Tenho ouvido os que condenam até um mínimo de liturgia, darem graças a Deus pela comida, à mesa, sempre com as mesmas palavras e até o mesmo timbre e som. Pois bem: é aconselhável que eles de vez em quando pensem no que dizem, para não serem discos sem alma. Por isso o Livro de Oração Comum encerra em si os meios de evitar a mecanização da prece e de todo o serviço religioso, variando a posição, oferecendo variantes, não impondo a íntegra de cada serviço, dando listas de textos para escolha, sugereitando ao calendário as colectas, as leituras e o saltério responsivo. E ainda, repetimos, o ministro "vivo" fará "viver" a liturgia, seja qual for ela e o ministro "morto" servirá "substância morta" mesmo sem liturgia nenhuma.

## Glória e Desgraça da Catolicismo Português

QUANTO mais penetrarmos na história do Povo Português, quanto mais sondarmos a medula da Nação, quanto mais percorrermos o nosso País e o observarmos, com os olhos do cérebro e do coração, mais nos convenceremos de que o catolicismo se fundiu profundamente com a vida da Pátria. Hoje é vulgar o conceito de que ser português é ser católico, quer praticando ostensivamente a fé dos maiores que já não vivem, e da maioria que domina,

quer vivendo a par do núcleo que lhe obedece e assim goza a sua influência, como o alburno goza da resistência do cerne, como o hóspede de Israel tinha o direito de assento no átrio exterior da Casa de Adonai.

Até os próprios "Maranos", judeus que começaram por aceitar só *por fora* a fé nova, mas no fundo repugnavam a esta-tuária litúrgica e o dogma "teantrópico", foram de geração para geração amolecendo nessa repugnância, empolgados pelos aspectos de maturação espiritual que o catolicismo lhes oferecia.

O ateísmo, ou antes o antiteísmo, esse foi sempre doença de fraco contágio e limitada endemia. E quanto aos partidos de discordância, tiveram quase sempre na nossa Terra uma feição católica ou *paracatólica*, bastante aquém do febronismo germânico, do josefismo do "Imperador-sacristão" ou do galicanismo da "Aguia de Meaux", o grande Bossuet.



Portugal é uma nação inteiramente nascida e criada na fase final da Idade-média, que, combatendo o muçulmanismo, na peugada dos astures de Pelaio, aproveitou os vestígios da civilização árabe, já em deliquescência muito antes da sua expulsão para a África, donde havia vindo. Grande fôra essa civilização, mas a desunião a destruiu. Os cristãos não eram decerto mais unidos nem mais civilizados, no seu conjunto, mas traziam consigo uma força espiritual de cujo potencial nem os seus guias se apercebiam por completo. Houve inegáveis elementos semitas e outros, na formação do povo, não remontando mais além do século VIII, judeus e berberes, e alguns moabitas e árabes; mas a existência dos moçárabes nos prova a possibilidade de

convizhinhança de ideais e a probabilidade de assimilação de certas credences e costumes, mas numa feição católica. Assim foi que os pilotos sefardis, às ordens dos almirantes cristãos-velhos, inscreveram na história dos povos modernos um dos seus mais gloriosos capítulos, honrando com ele Portugal.

O catolicismo contribuiu imensamente para a glória da nossa Pátria, dando fé aos corações, alma aos ideais, unidade aos esforços; iluminando os horizontes, sublimando o alvo a atingir. A catolicidade ensinou aos Portugueses a unidade interna e até a política de relações externas, conduzida primeiro na expulsão dos mouros da Península, em ligações fortuitas com a Espanha, depois na luta contra os Turcos invasores da Europa, em alianças com várias nações. E na Epopeia dos descobrimentos, reconhecimentos e conquistas, ou das honrosas alianças com nações longínquas, tenha ou não havido como principal o alvo económico dum país que era agricolamente pobre, ou tenha sido só o alvo psicológico que o moveu, como satisfação dum impulso atávico, não se pode negar que a ideia de "fazer cristandade" acompanhou toda a grande empresa, e os sentimentos cristãos iam temperando a rudeza dos actores do famoso drama. E não discutiremos aqui qual foi o motor principal dele, por ser desnecessário para comprovar a existência dum factor moral de alta significação!

Despoje-se Portugal das suas tradições e das suas relíquias de arte sacra, dispa-se da sua história eclesiástica, com a lição que ela dá e que toda a história humana encerra, e que fica? Onde vão já os iconoclastas que há quarenta anos mutilavam nos velhos monumentos as armas de Portugal!

Era o catolicismo que girava nas veias portuguesas, como linfa nutridora da sua própria vida. Entretanto, um virus terrível vinha lentamente corroendo o corpo católico e o seu sistema doutrinário, quase desde o alvorecer. E que admira? O Colégio Apostólico não albergara o Iscariotes? A par dos Evangelhos genuínos não vegetara uma farta messe de escritos espúrios? Uma parte enorme da Cristandade não se bandeou com Ário, pelas terras gregas, nos anos de tresentos? "Aproveitadores" no peor sentido, da unidade católica, haviam imposto uma ditadura universal às almas. Poucos séculos depois a *utilidade política* desse imperialismo eclesiástico tornara-se evidente, como um mal necessário, um remédio que combalia o doente mas o fazia sobreviver à epidemia bárbara, à endemia feudal com suas sequelas. Portugal logo à nascença se fizera vassalo simbólico desse poder central e deixara, com fracos protestos intermitentes, que os legados de Roma crescessem desmedidamente em poderio e riqueza. A confusão dos enviados com o Divino Mandante; do poder outorgado, que era espiritual, com os poderes civis; da verdade assimilada, que em nós é forçosamente humilde, com a Verdade Originária, que em Deus é soberana, tudo isso tornou possível um sistema de intolerância servido pela crueldade de alguns e o medo de todos. O castigo da heresia nos tempos de D. Pedro I e de D. João I tem já o aspecto da truculência que havia de se desenvolver por dois séculos, até culminar nas fogueiras da Inquisição, em Lisboa, Coimbra, Évora, Gôa.

Essa foi a Desgraça depois da Glória. Desgraça para os carrascos cruéis e para as vítimas temerosas. Desgraça ainda maior para os que pela hipocrisia acomodática, pela cobardia servil e pela anulação da

personalidade, pela cultura da intriga, da espionagem e da denúncia, persistiram e até triunfaram no momento; desgraça ainda maior para esses do que para os actores da grande tragédia inquisitorial: os que mataram e os que morreram.

Dez mil, vinte mil vítimas... Que é isso, no meio dum povo inteiro, ainda que as somemos com os esqueletos dos emparedados e os féretros esquivos dos mortos em tortura secreta? Não matou mais a peste negra? E as quatro crises de fome no mesmo século? Os estragos feitos no carácter português, outrora tão viril, tão leal, tão sadio, esses, não há estatística nenhuma que os possa apurar em registo.

Se a Glória máxima data, entre nós, de 1492 a 1500, com as portas abertas à Índia e ao Brasil, a Desgraça maior logo a segue, em 1536 e 1540. Nem é nos campos de Alcácer Quibir que ela se consuma: é nos terreiros do Rossio e do Cais do Tojo, em Lisboa. Lede o sudário das denúncias ao Santo Ofício. Que miséria! Que vergonha! Que decadência moral aquilo representa! Que trabalho tem sido o da salubridade da nossa alma!

Alguns quiseram aplicar métodos cirúrgicos e drásticos a uma doença congenial e que tinha invadido todo o organismo do padecente. Lancetou-se, retalhou-se, amputou-se com tristíssimos resultados. Era desgraça sobre desgraça: o mal do tratamento somando-se ao mal da enfermidade. Foram as revoltas populares, os atentados a reis e príncipes, as conspiratas devastadoras, em que o povo entrava sem as perceber, as patuleias e as lutas de partido, com a consequente legiferação improvisada. Quanto de inútil e de pernicioso! E o catolicismo deformado, anquilosado, ou hipertrofiado, acompanhava tudo isso sem a dignidade

da sua origem divina nem a serenidade do seu Alvo eterno.

Até que chegou o dia de uma compreensão melhor. Se não é ainda o dia claro é já uma promissora madrugada. Resta, não o repor as coisas como estavam em algum dia, tarefa impossível, nem é bastante o restaurar as forças por mais perfeita disciplina; mas o reformar, que contém e compreende as possíveis reposições e restaurações, respeitando a vida que se viveu e a experiência que dela se colheu.

Era esse o grito, consciente ou não, de D. Manuel I e dos seus contemporâneos: Reforma, Reforma!

## NA SEARA

*Pequenas notícias  
de factos grandes*

— O Grupo n.º 53 de Escoteiros de Portugal, anexo à Igreja Lusitana de S. Paulo, em Lisboa, comemorou o seu 17.º aniversário de 1 a 10 de Dezembro, com um culto de acção de graças em que prègou o pároco respectivo, sessão solene, almoço a 25 crianças, torneio de "ping-pong" inter-grupos, sessão recreativa, encontro de Volley-ball e chá de confraternização. Vem a propósito informar que estão em plena actividade mais dois grupos de escuteiros anexos a congregações da Igreja Lusitana: o n.º 15, anexo à Igreja do Redentor, no Porto, e o n.º 91, anexo à do Bom Pastor, no Candal, Gaia, sendo os três grupos chefiados, respectivamente, pelos Snrs. Armando Lino, Rev. Vidal dos Santos e Arnaldo Couto.

— As mais recentes actividades do Grupo Coral da Igreja Lusitana de S. Paulo foram o recital de hinos do Natal, na quadra própria, a colaboração excelente na Comemoração Jubilar da mesma Igreja, em 25 de Janeiro, festa da Conversão de S. Paulo, e a Cantata de Sábado de Aleluia, já tradicional, e na qual se revelaram mais uma vez os recursos do ilustre regente, snr. Dr. Leopoldo de Figueiredo.

— Quando este número de ECCLESIA estiver em circulação deverá ter chegado a Lisboa o Revmo. Bispo de Leobombo, de visita à Igreja Lusitana. É digno de se notar que S. Rma. é o único bispo reformado residente em território português. Que seja de grande bênção a sua visita.

## O LIVRO

## E OS LIVROS

—III—

—**A**FERTA gentil do seu ilustre autor, o eminente agrónomo sr. Eng. Joaquim Vieira Natividade—a quem acaba de ser prestada na sua terra natal, Alcobaça, uma justíssima homenagem pelo seu labor científico, em especial pelo seu último livro, "Subercultura"—tenho aqui diante uma joia de arte literária, fotográfica e gráfica: "Jornada a um Mundo de Beleza Eterna". Não são vulgares, edições destas no nosso país, pelo que nos devemos congratular e esperar mais de quem tão bem escreve. Os desenhos que acompanham o texto são de D. Leonor Natividade e as fotografias do autor.

—Fernando Sylvan, que pela primeira vez colabora neste n.º da nossa revista, envia-nos a sua novela "O Ti Fateixa". Se a capa fotografa um tipo perfeito de lobo do mar, a prosa, o entrecho, o alvo, muito nos agradaram, dum modo geral. Esperamos muito mais do jôvem escritor.

—Recebemos duas "plaquettes" das homenagens ultimamente prestadas aos drs. Alfredo Henrique da Silva e José António Fernandes, os dois superintendentes da Igreja Metodista em Portugal, desaparecidos com pouco intervalo e logo seguidos pelo último superintendente, Rev. António Tavares. São documentos de saudade pelos extintos, cuja falta hoje se sente no evangelismo português.

## Registo de Entradas

"Cascais: Town of Kings and Fishermen",  
By Eva Renate d'Esaguy.

"Anais da Velha Vila Portuguesa de Olivença",  
por Ventura Ledesma Abrantes. N.º 1.

"Ensaio de Combate à Mortalidade Infantil  
em Castelo Branco" por Dr. José Lopes Dias. Ed.  
da Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

"No Século da Velocidade", por Guido  
Waldemar Oliveira.

"Notas Biográficas de Diogo Cassels, opiniões  
a propósito, etc. Ed. da Associação dos Antigos  
Alunos das Escolas do Torne e do Prado.

## Padre António Pereira de Figueiredo

**F**ULGAMOS de interesse transcrever da "História de Portugal" de M. Pinheiro Chagas, pois passará despercebido de muitos, nas notas onde se encontra, (volume 6.º pág. 632) este trecho que se refere ao retrato publicado na capa da nossa revista, única gravura da aguarela perdida, assim como o estará a miniatura que lhe serviu de modelo:

"Tem uma história curiosa este retrato, que é copiado do único que existe, numa miniatura em marfim, representando apenas parte da cara até à bôca, retrato que pertenceu ao falecido bibliotecário da Ajuda, que nos foi oferecido espontaneamente pela viúva, por quem novamente nos foi pedido; uma coisa complicada, com que o público nada tem. A comprovar a autenticidade deste retrato há as seguintes palavras escritas pelo último dono do retrato num bocadinho de papel azul que anda apenso ao retrato num pequenino estojo: "Meio rosto do retrato do padre António Pereira de Figueiredo, que o professor régio Francisco José dos Santos Marrocos mandou tirar apenas o dito padre expirou. Por este único retrato assim mutilado foi tirada cópia que ao sr. D. Pedro 5.º ofereceu seu mestre de latim Francisco António Martins Bastos, cópia que desapareceu não sei como.—Veja-se o jornal "Instrução Pública" de 1858, pág. 142, e como prova de toda a autenticidade a inscrição latina escrita e emendada pelo próprio Marrocos, e o sobrescrito do papel em que estava embrulhada esta miniatura, com os quais documentos ela foi oferecida a meu pai pelo seu grande amigo Joaquim Marrocos, filho natural do Marrocos acima mencionado".

De Pereira de Figueiredo há uma boa biografia publicada pela Sociedade Bíblica na sua agência em Lisboa, no relatório de 1940, da autoria do pastor Raúl Pinto de Carvalho.

ff

## Cristão da Igreja Lusitana!

Como **Evangélico** que és, tens o dever moral de ter regularmente a tua Bíblia. Como **católico** que tens o privilégio de ser, debes **ler a Bíblia com a Igreja** que foi quem poz a Bíblia nas tuas mãos. Adquire um Calendário do MoRI, o qual contém as lições aprovadas pelo Sínodo.

# CONGREGAÇÕES E MISSÕES DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

(COM AS DATAS DA SUA ADESAO OU FUNDAÇÃO E INDICAÇÃO DO PÁROCO ACTUAL)

**VILA NOVA DE GAIA:** — (1880) — *Igreja de S. João Evangelista* — Torne  
Pároco: Rev. A. Ferreira Fiandor

(1889) — *Igreja do Bom Pastor* — Rua do Rei Ramiro — Candal  
Pároco: Rev. Armando Pereira de Araújo

(1905) — *Igreja do Salvador do Mundo* — Arco do Prado — Devesas  
Pároco: Rev. Augusto José Nogueira

**PORTO:** — (1883) — *Igreja do Redentor* — Rua Visconde de Bóveda  
Pároco: Rev. Agostinho Ferreira Arbiol

**LISBOA:** — (1879) — *Igreja de S. Paulo* — Janelas Verdes — "Marianos"  
Pároco: Rev. Eduardo Henriques Moreira

(1879) — *Igreja de Jesus* — Rua Quatro de Infantaria, 70  
Pároco: o da Igreja de S. Pedro

(1880) — *Igreja de S. Pedro* — Largo das Taipas  
Pároco: Rev. Josué Ferreira de Sousa

**SETUBAL:** — (1908) — *Igreja do Espírito Santo* — Bairro Salgado  
Pároco: Rev. José Pereira Martins

**ALCACER DO SAL:** — (1924) — *Igreja de Cristo Remidor*  
Pároco: o da Igreja de Setubal

**OLIVEIRA DO DOURO (Gaia):** — (1907) — *Missão de Cristo* — Outeiro  
Anexa à Igreja de S. João Evangelista, Torne

**CAMPANHÃ (Porto)** — (1924) — *Missão de Santo Estêvão* — Rua do Azevedo  
Anexa à Igreja do Redentor, Porto

**VALBOM (Gondomar):** — (1932) — *Missão de Santiago Apóstolo* — Largo da Arroteia  
Anexa à Igreja do Redentor, Porto

**AMORA (Seixal):** — (1944) — *Missão de Santo André* — Avenida Marginal Silva Gomes, 16  
Anexa à Igreja de S. Paulo, Lisboa

## Ecclesia

*Encontra-se à venda na:*

**Livraria Aillaud & Lellos**  
Rua do Carmo, 82  
L I S B O A

—  
**Tabacaria Aliança**  
Rua de Santo António, 19  
P O R T O

## Ecclesia

	Assinatura	Venda avulso
Império Português	20\$00	6\$00
Países Estrangeiros	26\$00	7\$50

—  
*Assinatura anual — 4 números — a tratar com a Administração ou com qualquer dos Ministros da Igreja Lusitana.*